

HISTORIOGRAFIA DO CINEMA GOIANO E O NASCIMENTO DE UM CINEMA¹

Lara Damiane de Oliveira Estevão²
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Resumo: No Brasil, a partir do final do século XX, iniciou-se um processo permanente de revisão da história do cinema, marcado pelas aproximações entre os estudos de cinema e a história. Na contramão desse processo, surgem as primeiras pesquisas sobre o cinema goiano, instaurando mitos de nascimento e cânones regionais. Neste trabalho, discutiremos a narrativa histórica construída sobre o surgimento do cinema goiano até o momento e seus problemas metodológicos.

Palavras-chave: Cinema e História. História do cinema. Cinema brasileiro. Cinema goiano. Historiografia do cinema.

Resumo expandido: No Brasil, a partir da década de 1990, os debates sobre como e porque fazer uma história do cinema ganham força com a aproximação entre os estudos de cinema, a História e os estudos culturais, em autores como Marc Ferro, Pierre Sorlin, Roger Chartier, Bakhtin e Michelle Lagny. Também nessa década, é publicado o primeiro livro sobre o cinema goiano, *Goiás no século do cinema* (1995), de Beto Leão e Eduardo Benfica, criando um mito de nascimento para o cinema goiano, reforçando a tradição da historiografia clássica do cinema, na contramão dos estudos recentes.

Se as filmagens de Pascoal Segreto atestam o nascimento do cinema brasileiro (BERNARDET, 2003), talvez seja mais correto afirmar que o cinema goiano permanece sem cidadania. Beto Leão e Benfica afirmam que em 1912, o major Luiz Thomaz Reis, cinegrafista do Marechal Rondon, registrou as primeiras imagens dos índios Nambiquara” (1995, p.95), contudo, essa datação não é precisa. É somente ao final de 1915 que *Os sertões de Mato Grosso* é exibido nas salas de cinema e, segundo Fernando de Tacca (2006), em 1912 a Secção de Cinematographia e Photographia que acompanhou as expedições de Marechal Rondon, foi apenas criada e os primeiros registros só foram realizados em 1914.

Betão Leão e Eduardo Benfica também afirmam que as filmagens de Thomaz Reis inauguraram uma certa tradição cinematográfica no estado – a do cinema ambiental –, continuada a partir de 1940 por Wolf Jesco Von Puttkamer. Existe a estruturação de um discurso que reflete a organização artístico-cultural goiana na década de 1990 e que vai despontar na criação do Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental em 1999, na cidade de Goiás. Se existe uma

¹ Trabalho apresentado na 12ª Semana de cinema e audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (SAU UEG) e 2º Encontro das Escolas de Cinema do Brasil Central (EECABC), que ocorreu na cidade de Goiás (GO) de 14 a 16 de junho de 2023.

² Bacharela em Cinema e Audiovisual pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. E-mail: laradamiane@gmail.com

construção ideológica na historiografia clássica do cinema brasileiro, onde “o conceito de história do cinema que se usou no Brasil está mais vinculado à vontade dos cineastas e dos historiadores que à realidade concreta” (BERNARDET, 2009, pág. 44) ela também está presente na história do cinema goiano.

Nas pesquisas mais recentes, a noção dos ciclos regionais é instaurada, com a inauguração de um “primeiro ciclo” (SILVA, 2018) que dá início ao cinema goiano ao final da década de 1960 e início de 1970. O recorte define um surto local de produção de filmes de ficção em Goiás, parte de esforços pessoais de figuras como João Bennio e Cici Pinheiro, criando um cânone de pioneiros da atividade cinematográfica em Goiás. Contudo, cinejornais e documentários já eram produzidos desde a primeira metade do século XX em Goiás e outros filmes ficcionais, como *Antolhos* (1968), dirigido por Silas Metran Curado e *O dia marcado* (1970), dirigido por Iberê Cavalcanti, foram realizados no estado no mesmo período. Estes filmes são exemplos de que a filmografia goiana é mais diversa do que os trabalhos deram conta de historicizar até o momento e abrem possibilidade para se pensar ao contrário de um nascimento ou um ciclo com início, apogeu e fim, que em Goiás atestaram-se tendências de uma prática cinematográfica ligada às movimentações culturais que tomavam conta do país, a exemplo dos cinejornais, filmes de poder, do cinema jovem amador e do cinema industrial.

A realidade da produção cinematográfica aponta para características culturais, políticas e sociais que inserem-na em um contexto muito maior que a tendência historiográfica clássica é capaz de apreender ao descrever experiências isoladas de filmagens postas em sucessão. Para fazer uma história do cinema é necessário incorporar problemas de pesquisa à construção do discurso histórico, que apontarão de fato para a construção de uma identidade e de uma narrativa sobre o passado do cinema goiano que dê conta das diversidades de experiências na prática cinematográfica.

Referências Bibliográficas

BERNARDET, Jean-Claude; **Cinema Brasileiro**: propostas para uma história. São Paulo: Companhia Das Letras, 2009.

_____. **Historiografia clássica do cinema brasileiro**: metodologia e pedagogia. 2ª Edição. São Paulo: Annablume, 2003.

CHARTIER, Roger. **Le monde comme représentation**. Annales, 1989, vol. 44, n° 6, p.1505-1520.

FERRO; Marc. **O filme: uma contra-análise da sociedade**. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). História: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 199-215.

LAGNY, Michelle. **De l’histoire du cinema**: méthodes historique et histoire du cinema, 1992.
LEÃO, Beto; BENFICA, Eduardo. **Goiás no século do cinema**. Goiânia: Kelpes, 1995.

_____. **Centenário do cinema em Goiás.** Goiânia: Kelpes, 2010.

SILVA, Tulio Henrique Queiroz. **Cinema em Goiás: quando tudo começou... (1960-1970).** 2018. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2018.

SORLIN, Pierre. **Cines Europeus, Sociedades Europeas 1939-1990.** Barcelona: Paidós, 1996.

_____. **Sociologie du cinéma.** Paris: Aubier Montaigne, 1977.

TACCA, Fernando de. A imagem do índio integrado/civilizado na filmografia de Luiz Thomas Reis. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura,** Campinas, SP, v. 8, n. 1, p.19–44, 2006.